

Relacionamentos abusivos à luz da terapia dos esquemas: uma revisão sistemática

Abusive relationships in the light of scheme therapy: a systematic review

Relaciones abusivas a la luz de la terapia de esquemas: una revisión sistemática

Recebido: 04/10/2022 | Revisado: 19/10/2022 | Aceitado: 22/10/2022 | Publicado: 27/10/2022

Raphaella Stephannie Rosa Magalhães

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1273-790X>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: raphaella98@gmail.com

Samira Cavalcante Monteiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9699-0835>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: samira.cavalcante@estudante.ufcg.edu.br

Regina Lígia Wanderlei de Azevedo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9461-7137>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: regina.azevedo@gmail.com

Emmanoel Holanda Melo Ferreira

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1022-8271>
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
E-mail: emmanoelhmf@outlook.com

Resumo

A violência contra a mulher é tido como qualquer ato violento que tem sua justificativa no gênero e tenha possibilidade de provocar, danos físicos, sexuais e/ ou psicológicos, incluindo a ameaça, a coerção ou privação de liberdade em ambiente privado ou público. Posto isto, esse estudo tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura, reunindo os principais artigos encontrados em 4 (quatro) bases de dados - SciELO, Scopus, MEDLINE/PubMed e American Psychological Association (APA) – que estudem a violência contra a mulher em relacionamentos abusivos e diante disso, elucidar como a Terapia dos Esquemas pode contribuir para esclarecer a ocorrência da permanência das mulheres nesses relacionamentos. Trata-se de um estudo de espécie documental de natureza descritiva, exploratória e qualitativa. Foi feito a busca em um período de dez anos, 01 de janeiro de 2011 a 31 de dezembro de 2021. Para a seleção dos artigos foram utilizados os termos de pesquisa (TS) “Pandemic and covid and violence or abuse and relationship”. A partir dos critérios definidos, foram obtidos 47 publicações em português e inglês, contudo apenas 22 artigos foram incluídos no estudo de revisão sistemática, sendo 7 estudos qualitativos e 15 de cunho quantitativo-qualitativo. Destaca-se nesses estudos a temática da violência doméstica e da violência cibernética que apresentaram relação com as EID’s de subjugação, privação emocional, negatividade, isolamento social/alienação e abandono, bem como o agravamento dessas situações em decorrência do contexto pandêmico da covid-19.

Palavras-chave: Violência; Relacionamento abusivo; Terapia dos esquemas.

Abstract

Violence against women is considered to be any violent act that has its justification in gender and has the possibility of causing physical, sexual and/or psychological harm, including the threat, coercion or deprivation of liberty in a private or public environment. That said, this study aims to carry out a systematic review of the literature, gathering the main articles found in 4 (four) databases - SciELO, Scopus, MEDLINE/PubMed and the American Psychological Association (APA) - that study violence against women in abusive relationships and, in view of this, to elucidate how Schema Therapy can contribute to clarifying the occurrence of women's permanence in these relationships. This is a documentary study of a descriptive, exploratory and qualitative nature. The search was carried out over a period of ten years, from January 1, 2011 to December 31, 2021. For the selection of articles, the search terms (TS) “Pandemic and covid and violence or abuse and relationship” were used. Based on the defined criteria, 47 publications were obtained in Portuguese and English, however only 22 articles were included in the systematic review study, being 7 qualitative studies and 15 of a quantitative-qualitative nature. These studies highlight the theme of domestic violence and cyber violence, which were related to the EID's of subjugation, emotional deprivation, negativity, social isolation/alienation and abandonment, as well as the aggravation of these situations as a result of the pandemic context of covid-19.

Keywords: Violence; Abusive relationship; Schema therapy.

Resumen

Se considera violencia contra la mujer todo acto violento que tenga su justificación en el género y tenga la posibilidad de causar daño físico, sexual y/o psíquico, incluyendo la amenaza, la coacción o la privación de la libertad en un ámbito privado o público. Dicho esto, este estudio tiene como objetivo realizar una revisión sistemática de la literatura, reuniendo los principales artículos encontrados en 4 (cuatro) bases de datos - SciELO, Scopus, MEDLINE/PubMed y la American Psychological Association (APA) - que estudian la violencia contra las mujeres en relaciones abusivas y, frente a eso, dilucidar cómo la Terapia de Esquemas puede contribuir a esclarecer la ocurrencia de la permanencia de las mujeres en estas relaciones. Se trata de un estudio documental de carácter descriptivo, exploratorio y cualitativo. La búsqueda se realizó en un período de diez años, del 1 de enero de 2011 al 31 de diciembre de 2021. Para la selección de artículos se utilizaron los términos de búsqueda (TS) “Pandemia y covid y violencia o abuso y relación”. Con base en los criterios definidos, se obtuvieron 47 publicaciones en portugués e inglés, sin embargo, solo 22 artículos fueron incluidos en el estudio de revisión sistemática, siendo 7 estudios cualitativos y 15 de carácter cuantitativo-cualitativo. Estos estudios destacan el tema de la violencia doméstica y la ciberviolencia, que se relacionaron con los EID de sometimiento, privación emocional, negatividad, aislamiento/alienación social y abandono, así como el agravamiento de estas situaciones como resultado del contexto pandémico de covid-19.

Palabras clave: Violencia; Relación abusiva; Terapia de esquemas.

1. Introdução

A figura da mulher como sendo um elemento a ser controlado e possuído tem se perpetuado ao longo de séculos de construção social patriarcal e machista. Sendo uma das conquistas dos movimentos sociais em prol dos direitos das mulheres o direito ao voto, estudo, trabalho e a possibilidade de ocupar o espaço público. Contudo apesar desses e outros avanços, nos fundamentos da sociedade capitalista ainda se têm os valores tradicionais de gênero arraigados, o que possibilita a reprodução dos papéis sociais sexuados e a violência contra a mulher.

A identidade social da mulher, assim como também do homem, foi sendo construída em cima dos pilares que sustentam a sociedade ocidental capitalista, como a família e o trabalho, imbuindo a premissa social de que é natural que a mulher seja confinada ao meio doméstico em razão da capacidade de ser mãe ou dispor de um “instinto materno” (Saffioti, 1987). Nesse sentido, Jesus (2012) afirma que a identidade de gênero se refere a identificação social, não havendo norma de uma orientação sexual em decorrência do gênero do indivíduo, nem seu papel social, ou seja, o gênero não deve ser encarado como um elemento refém da biologia e muito menos ser usado como forma de legitimar a opressão de um grupo.

No que se refere a divisão sexual do trabalho, Hirata e Kergoat (2007) afirmam que é uma forma de divisão social do trabalho que tem sua origem nas relações sociais entre os sexos, tendo como característica principal a localização do homem na esfera produtiva e da mulher na reprodutiva. Diante disso, a divisão sexual trabalhista tem dois princípios norteadores, o princípio de separação, ou seja, existem trabalhos destinados aos homens e outros às mulheres; e o princípio hierárquico que define que os trabalhos exercidos pelos homens tem mais valor do que aqueles realizados pelas mulheres. A união dessas configurações sexuais e sociais varia de sociedade para a sociedade, mas o cerne da desigualdade de gênero permanece (Hirata & Kergoat, 2007).

Somado a isso, Butler (1990/2012) afirma que dissociar os elementos sexuais dos culturais é um equívoco, tendo em vista que o sexo não pode ser simplesmente reduzido a uma característica anatômica e tão pouco a cultura a ser meros construtos históricos. Dessa maneira, é fundamental compreender como as dimensões de gênero formam embasamento para construção subjetiva das mulheres e homens exercerem as relações sociais a partir das desigualdades e abusos desse poder (Azevedo et al., 2020).

A violência contra a mulher é definido pela Organização das Nações Unidas (1993) como qualquer ato violento que tem sua justificativa no gênero e que provoque ou tenha possibilidade de provocar, danos físicos, sexuais e/ ou psicológicos, incluindo a ameaça, a coerção ou privação de liberdade em ambiente privado ou público. Este fenômeno alcança mulheres em diferentes classes sociais, origens, regiões, estados civis, escolaridades, raças, orientações sexuais e idades, podendo ser

considerado uma questão de saúde pública.

Segundo o relatório desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e divulgado no ano de 2021, um terço das mulheres no mundo, ou seja, 736 milhões são vítimas de violência física ou sexual ao longo da vida e o mais preocupante é que a violência chega cedo para as mulheres ao redor do mundo, ainda segundo a OMS, uma em cada quatro adolescentes e jovens, entre 15 anos e 24 anos, que esteve em um relacionamento, já sofreu violência do seu parceiro. O mesmo cenário também ocorre no Brasil, pois cerca de 16 milhões de brasileiras, com 16 anos ou mais, foram vítimas de algum tipo de violência ao longo dos anos 2017 até 2019, e da mesma forma 76,4% das mulheres apontaram que o agressor era um conhecido (FBSP; DATAFOLHA, 2019).

Ademais, o que se sabe sobre a violência e como esta é aceita, em maior ou menor grau, pela coletividade vai ser definida pela cultura patriarcal e machista, de forma que ao longo dos anos ocorre o processo de legitimação e dominação da maioria (classes abastadas, em maioria homens brancos e héteros) em relação aos grupos estigmatizados socialmente, como mulheres, negros, pobres, LGBTQIA+, entre outros (Saffioti, 1987). Nesse sentido violência pode se caracterizada como maneiras de exercer certo poder de conquista sobre algo ou alguém e que acabam sendo naturalizadas socialmente, como o comportamento autoritário de chefes em relação a seus subordinados, a culpabilização da própria vítima de assédio e estupro, entre outras situações.

A partir dessas considerações, foi utilizada a Terapia dos Esquemas, desenvolvida por Young (2008), como principal referencial teórico, haja vista que a mesma busca compreender os impactos da existência de Esquemas Iniciais Desadaptativos (EIDs) na vivência afetiva de adultos.

Jeffrey Young (2008) desenvolveu a Terapia dos Esquemas por entender que essa abordagem proporciona um novo sistema psicoterápico que amplia a Terapia Cognitivo-Comportamental, de forma a integrar técnicas de várias outras escolas, como a psicanálise e a gestalt. Diante disso, o teórico explica que o funcionamento ou o modo com que as relações primárias do indivíduo são vivenciadas irão afetar a formação da sua personalidade. Em razão disso, no decorrer da vida se o indivíduo possuir em sua infância e/ou adolescência experiências nocivas recorrentes se tem a construção de Esquemas Iniciais Desadaptativos ou EID's que vão guiar de forma disfuncional a forma como este vê o mundo e os outros ao seu redor (Wainer et al., 2016).

Os EID's são caracterizados, segundo Young (2008), por serem disfuncionais em nível significativo, são elaborados ao longo de uma vida, estão relacionados ao modo de perceber a si mesmo e/ou as relações com as outras pessoas, além de ter seu núcleo formado por memórias, emoções e sensações corporais que são de alguma maneira nocivas para o indivíduo. Posto isto, o autor afirma que os comportamentos considerados desadaptativos vão se desenvolver como respostas a estes esquemas e que, portanto, os comportamentos são provocados pelos esquemas, porém não se constituem em partes deles (Young et al., 2008).

Ademais, tendo essa característica de formação continuada ao longo da vida do indivíduo, os EID's encontram seus principais pontos de fundamentação em três mecanismos, sendo estes: os padrões de vida autoderrotistas, as distorções cognitivas e os estilos de enfrentamento (Young et al., 2008). Sintetizando as noções mencionadas anteriormente, o enfoque da proposta da Terapia dos Esquemas está na redução dos sintomas relatados, na formação ou desenvolvimento de habilidades, como também na solução dos problemas que trouxeram o paciente para o ambiente clínico. Ademais, essa abordagem pode contribuir para trazer explicações acerca dos aspectos que envolvem a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz do reconhecimento dos EID's mais recorrentes neste grupo.

A presente pesquisa tem como objetivo realizar uma revisão sistemática da literatura abarcando um período de dez anos, acerca da violência contra a mulher e sua permanência em relacionamentos abusivos, a partir da Terapia dos Esquemas de Jeffrey Young. Além disso, esse estudo também busca informar e reduzir as ocorrências de violência contra as mulheres que

se encontram em relacionamentos abusivos, como também identificar com base na literatura quais são os Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID's) encontrados em mulheres vítimas de ciclo de violências.

2. Metodologia

O presente estudo se trata de uma pesquisa documental, de natureza exploratória, pois visa explorar o fenômeno da violência contra a mulher em relações abusivas, e também possui natureza descritiva, por realizar a descrição da população feminina que compõe o fenômeno da violência em relacionamentos abusivos, bem como estabelece a relação entre a Terapia dos Esquemas e a permanência dessas mulheres nesse contexto afetivo violento (Gil, 2002). Por se tratar de uma revisão sistemática da literatura, esse método de pesquisa é caracterizado pela aplicação de técnicas de coleta de dados, análise crítica e síntese da literatura de forma estruturada e organizada, de forma que se tenha a minimização de qualquer viés (Zoltowski, Costa, Teixeira & Koller, 2014) e tem o objetivo de responder uma pergunta específica por meio dessa sistematização e planejamento para que se obtenha uma avaliação crítica dos dados coletados (Castro, 2001). Além disso, como principal ferramenta de referência dessa metodologia foi empregada as indicações dos Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises (PRISMA). O PRISMA é formado por um fluxograma de quatro etapas que permite mostrar o processo e os resultados da investigação (Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman, & PRISMA Group, 2009). Essa revisão sistemática da literatura tem como objetivo responder o questionamento do que levaria uma mulher a permanecer em um relacionamento abusivo. Ademais, como a Terapia dos Esquemas de Jeffrey Young pode elucidar os aspectos que envolvem essa permanência de mulheres em relacionamentos abusivos à luz do reconhecimento dos EID's mais recorrentes neste grupo.

A amostra da pesquisa realizada entre os meses de novembro de 2021 e janeiro de 2022 foi composta por toda a literatura relacionada ao tema, indexada nos bancos de dados - SciELO Citation Index (Web of Science), Scopus (Elsevier), MEDLINE/PubMed (via National Library of Medicine) e American Psychological Association (APA) - e que se enquadraram nos critérios de elegibilidade da revisão sistemática da literatura. Para a seleção dos artigos foram utilizados os termos de pesquisa (TS) "Pandemic", "covid", "abuse" e "relationship" com recurso da linguagem booleana "e" (AND) e "ou" (OR) ficando da seguinte forma: (Pandemic and covid and violence or abuse and relationship).

Caracterizando-se, como fatores inclusivos os artigos científicos em que os descritores de pesquisa selecionados estivessem presentes no título e/ou nos termos do assunto e/ou no resumo, de caráter empírico ou teórico com metodologia científica válida, escritos em Português e/ou Inglês e tivessem sido publicados entre 2011 e 2021. Optou-se por excluir estudos científicos do tipo: dissertação de mestrado e/ou doutorado, revistas científicas, livros e notícias sem revisão de pares - mesmo que os termos de pesquisa estivessem presentes no título e/ou nos termos do assunto e/ou no resumo. Também foram excluídas da pesquisa publicações que fossem pagas para acessar, artigos que não estivessem escritos em Português e/ou Inglês e, por fim, estudos que ultrapassaram os anos estipulados nos critérios.

Durante a seleção dos artigos foi aplicada a técnica de análise de conteúdo temática, a qual, segundo Gomes (2002) e Minayo (2004) se constitui em três etapas: pré-análise (seleção de inclusão/exclusão e leitura prévia sobre o documento), exploração do material e tratamento dos resultados obtidos (leitura na íntegra do material que foi selecionado na etapa anterior) e interpretação (identificar os aspectos da permanência das mulheres em situação de relação abusiva e os esclarecimentos que a Terapia dos esquemas nos oferece).

A primeira etapa de pré-análise e seleção dos artigos em suas respectivas bases de dados foi realizada por dois pesquisadores, de forma independente e sistemática. Com isso, os estudos foram identificados primeiramente, pelos títulos das publicações que correspondiam aos descritores de busca e, posteriormente, através dos resumos na análise eletrônica. Após o cumprimento da primeira etapa, seguiu para a fase de exploração do material e tratamento dos resultados obtidos, no qual cada pesquisador efetuou a leitura na íntegra dos estudos e elencou os artigos para a revisão integrativa. Depois disso, teve-se a

realização da etapa de interpretação dos estudos selecionados a partir do consenso entre os pesquisadores. Diante disso, após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e identificação final dos artigos que irão compor a revisão sistemática da literatura, foram identificados 22 artigos, detalhados no Quadro 1, que abordam o tema da violência contra a mulher dentro dos relacionamentos abusivos, como podemos ver a seguir:

Quadro 1 – Identificação dos artigos selecionados nas quatro bases de dados (SciELO Citation Index, Scopus, MEDLINE/PubMed e American Psychological Association), após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, quanto a revista, título do artigo, autor e ano.

REVISTA	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORIA	ANO
Cadernos de Saúde Pública	Abuso Digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais	Flach, R. M. D. & Deslandes, S. F.	2019
The European Journal of Psychology Applied to Legal Context	Considering the Effect of Sexism on Psychological Intimate Partner Violence: A Study with Imprisoned Men	Juarros-Basterretxea, J., Overall, N., Herrero, J., & Rodríguez-Díaz, F. J.	2019
Portuguese Journal of Public Health	Domestic Violence during the COVID-19 Pandemic in Portugal	Gama A, Pedro A, R, de Carvalho M, J, L, Guerreiro A, E, Duarte V, Quintas J, Matias A, Keygnaert I & Dias S.	2021
BMC Pregnancy and Childbirth	Domestic violence and its relationship with quality of life in pregnant women during the outbreak of COVID-19 disease	Naghizadeh, S., Mirghafourvand, M. & Mohammadirad, R.	2021
Journal of Social and Personal Relationships	Examining associations between COVID-19 stressors, intimate partner violence, health, and health behaviors	Abriana M. Gresham, Brett J. Peters, Gery Karantzas, Linda D. Cameron, and Jeffry A. Simpson.	2021
Revista Saúde Pública	Fatores associados à violência doméstica por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde	Vieira, E. M., Perdona, G. da S. C. & Santos, M. A. dos	2011
Current Psychology	Give me your password! What are you hiding? Associated factors of intimate partner violence through technological abuse	Maftai, A., & Dănilă, O.	2021
Psicologia: Reflexão e Crítica	Inter-Relações da Violência no Sistema Familiar: Estudo Domiciliar em um Bairro de Baixa Renda	Bhona, F. M. C., Gebera, C. F. P., Noto, A. R., Vieira, M. T. & Lourenço, L. M.	2014
Saúde e Sociedade	Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades	Barbosa, J. P. M., Lima, R. C. D., Santos, G. B. M., Lanna, S. D. & Andrade, M. A. C.	2021
Journal of Family Violence	Intimate Partner Violence and COVID-19 in Rural, Remote, and Northern Canada: Relationship, Vulnerability and Risk	Moffitt, P., Aujla, W., Giesbrecht, C. J., Grant, I., & Stratman, A. L.	2020
Ciberpsychology, Behavior and Social Networking	Jealousy and Eletronic Intrusion Mediated by Relationship Uncertainty in Married and Cohabiting Couples During COVID-19	Ligman, K., Rodriguez, L. M., & Rocek, G.	2021
Psico-USF	Predictors of Marital Physical Violence: Personal and Relational Characteristics.	Haack, K. R., Pressi, J. & Falcke D.	2018
Cadernos de Pesquisa. São Paulo,	The pandemic paradox: domestic violence and happiness of women.	Haq W., Raza S.H. & Mahmood T.	2020
Revista Brasileira de Epidemiologia	Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária.	Leite, F.M.C., Luis, M. A., Amorim, M.H.C., Maciel, E. L. N. & Gigante, D.P.	2019

Psicología desde el Caribe	Post traumatic stress disorder and adaptive capacity in victims of intimate partner violence.	Amar, J. J. A. & Otálvaro, L. E. O.	2012
Psico-USF	Marital physical violence suffered and committed by men: repeating family patterns?	Marasca, A. R., Razera, J., Pereira, H. J. R. & Falcke, D.	2017
Ciência & Saúde Coletiva	Narrativas de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres.	Moura, L. B. A., Lefevre, F. & Moura, V	2012
Saúde e Sociedade	Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala.	Santos, D. F., Lima, R. C. D., Demarchi, S. M., Barbosa, J. P. M., Cordeiro, M. V. D., Sipioni, M. E. & Andrade, M. A. C.	2021
Gaceta Sanitaria	Unperceived intimate partner violence and women's health.	Sonego, M., Gandarillas, A., Zorrilla, B., Lasheras, L., Pires, M., Ana, A. & Ordobás, M.	2013
Revista Brasileira de Epidemiologia	Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório.	Bernardino I. M., Barbosa K. G. N., Nóbrega L.M., Cavalcante G.M.S., Ferreira E.F & D'Ávila, S	2016
PSICOLOGIA	Violência doméstica e stalking pós-rutura: Dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima	Ferreira, C., & Matos, M	2013
Psicologia: Ciência e Profissão	Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal	Brasco, P. J. & Antoni, C	2020

Fonte: Elaborado pelas autoras.

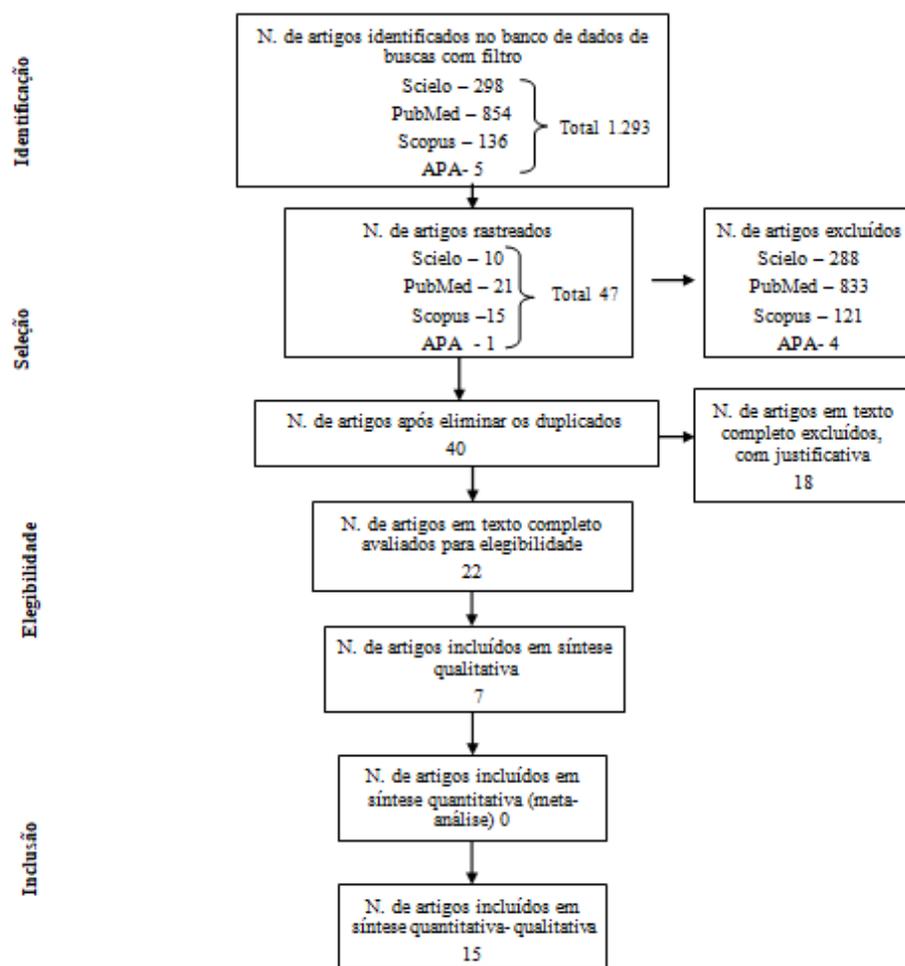
3. Resultados e Discussão

Na base de dados SciELO Citation Index (Web of Science) foram encontrados 298 publicações de modo que, seguindo os critérios de inclusão e exclusão, respectivamente, 288 estudos foram excluídos e apenas 10 publicações foram incluídas na presente revisão. Em seguida, na base de dados Scopus (Elsevier) 136 estudos foram encontrados seguindo os mesmos critérios, sendo 121 publicações excluídas e 15 incluídos na revisão.

Na base de dados American Psychological Association (APA) foram rastreados 5 artigos, sendo excluídos 4 e 1 incluído na revisão. Por fim, na base de dados MEDLINE/PubMed (via National Library of Medicine) se obteve 854 estudos dos quais 833 foram excluídos e 21 incluídos na RSL. A partir dos critérios definidos, foram obtidos 47 publicações, dentre essas, 7 foram excluídos por causa da duplicidade e 18 desses estudos foram eliminados da RSL por não terem o tema proposto da pesquisa como elemento central, restando 22 artigos incluídos no estudo de revisão sistemática.

Como resultado desta seleção, obteve-se um universo de 22 artigos que compõem a revisão sistemática da literatura, sendo 7 estudos qualitativos e 15 de cunho quantitativo-qualitativo. Abaixo, dispõe-se o PRISMA a fim de elucidar o processo metodológico das etapas da RSL em questão:

Figura 1. Etapas da Revisão Sistemática da Literatura.



Fonte: Fluxograma de quatro etapas - PRISMA, adaptado de Moher, Liberati, Tetzlaff, Altman e The PRISMA Group (2009).

Com esse fluxograma é possível perceber as etapas de produção de uma revisão sistemática da literatura, bem como certo déficit de produção científica nessa temática, não sendo encontrado nenhum artigo de cunho quantitativo e poucos de síntese qualitativa, bem como de síntese qualitativa-quantitativa. Acerca dos 22 artigos que compõe a revisão temos bem presente a temática da violência doméstica e da violência cibernética, bem como o agravamento dessas situações em decorrência do contexto pandêmico da covid-19.

Cotidianamente se é noticiado casos de violência contra as mulheres que vão desde o assédio até o feminicídio e no contexto pandêmico os estressores como desemprego, risco de contaminação, isolamento social, possuir residência longe dos centros urbanos, parceiros que fazem o uso abusivo de álcool e não possuir uma rede de apoio foram os principais agentes do aumento da violência contra a mulher (Moffitt et al., 2020; Gresham et al., 2021). Além disso, estudos como o de Viera, Perdona e Santos (2011) evidenciam que as chances de mulheres sofrerem violência aumentam em 92% nos casos elas eram testemunhas das agressões sofridas pelas suas mães. Esse índice aumenta para os parceiros agressores, cerca de 96%, quando eles relataram terem visto suas mães sendo agredidas, ou seja, há uma continuidade do ciclo de violência que se iniciou na infância (Marasca et al., 2017).

O que a sociedade espera de vítimas de violências é o ato de denunciar, mas na maioria das vezes não é um ato simples, envolve diversas variáveis como questão de renda familiar, moradia, alimentação e outras questões básicas de sobrevivência onde o agressor é quem fornece. Um pesquisa realizada em Portugal por Gama et al. (2021) constatou que

62,3% dessas vítimas de violência não procurou algum tipo de ajuda, seja por considerar desnecessário ou por acreditar que não mudaria em nada sua situação. Ou seja, esses índices também indicam que a violência para essas vítimas se naturalizou ou nunca foi considerada violência e entre as que reconheciam estarem padecendo desse contexto abusivo não viam saída para esse ciclo (Sonego et al., 2013).

A situação fica ainda mais crítica para as mulheres grávidas, em um estudo realizado no Irã com 250 mulheres revelou que 35,2%, ou seja, um terço dessas mulheres relatou ter sofrido violência doméstica durante a pandemia. Os tipos mais comuns de violência sofrida foram a violência emocional (32,8%), seguida pela sexual (12,4%) e violência física (4,8%). Esse estudo também mostra que altos índices de violência estão relacionados à baixa qualidade de vida, como também traz riscos graves tanto para a saúde, como da vida da mãe e do bebê (Naghizadeh et al., 2021). Em outro estudo, sobre a violência com das mulheres com os filhos, 77% admitiram o uso de punições corporais e 20,3% a prática de maus-tratos físicos, ou seja, a relação das mulheres com seus parceiros pode servir de base e de reforço para reverberar o modelo violento de se relacionar com seus filhos (Bhona et al., 2014).

Um estudo com homens encarcerados na Espanha revelou que existem 3 fatores de risco que contribuem para a existência da violência contra as mulheres como: comunidade (influências sociais), família de origem (dinâmica familiar conflituosa) e fatores individuais (traços de personalidade antissocial) (Juarros-Basterretxa et al., 2019). Esses três fatores atuam na forma como o agressor obtém a sua visão de mundo ao longo da sua vida, pois uma vez inserido em uma sociedade que tem uma cultura machista e patriarcal como a brasileira e é exposto frequentemente a conflitos familiares agressivos, se torna natural para o indivíduo a forma agressiva e violenta de se relacionar com seu/sua parceiro(a) e os traços antissociais influenciam na falta de preocupação com o ciclo contínuo de violência praticado.

Foi observado também em outro estudo que para além desses fatores a insatisfação conjugal estava presente na violência praticada pelo parceiro, mas que não ocorria a separação, pois as mulheres afirmavam amar seus parceiros e acabavam naturalizando esse ciclo de violência (Haack et al., 2018). Corroborando com esses dados, em um estudo brasileiro com usuárias da atenção primária foi observado que o perfil do parceiro agressor estava relacionado ao uso abusivo de álcool, desemprego, baixa escolaridade, que fumam, além de apresentarem um ciúmes excessivo e controlador. Esses fatores de riscos somados resultaram em uma aumento de duas vezes da probabilidade da ocorrência de violência (Leite et al., 2019).

Para além da violência no mundo real a temos também presente nas plataformas online e em aplicativos de relacionamento, no qual o parceiro apresenta atitudes tóxicas que vão desde humilhar, insultar, divulgar conteúdo privado das parceiras, ameaçar, como também provocar isolamento e controle sobre o outro (Flach & Deslandes, 2019; Ligman et al., 2021). Em estudo com 1113 participantes Maftai e Dănilă (2021), confirmam que o desengajamento moral social está ligado aos altos níveis de perpetração da violência contra os parceiros e o mais grave é que cerca de 13,7% a 23% dos participantes em todos grupos analisados afirmaram que o contexto pandêmico contribuiu para aumentar a frequência dos comportamentos violentos dos parceiros.

É importante ressaltar que a violência de gênero é atravessada por diversas intersecções como o racismo estrutural, machismo, misoginia, o patriarcado, as opressões de classe e diversos outras vertentes em que o poder de dominação e discriminação perpetuam as desigualdades, sobretudo na pandemia (Santos et al., 2021). Com isso o fenômeno de violência deve ser sempre analisado se atentando para as questões macros de raça, classe e gênero, mas também as micros como nível educacional, saúde, moradia, orientação sexual e experiências vividas coletivas e individuais que construíram a subjetividade de cada um, tendo em mente que existem diversas forma de ser mulher em cada singularidade (Barbosa et al., 2021).

Ademais, Bernardino et al. (2016) traz um fato importante em sua pesquisa, mulheres que tinham entre 20 e 50 anos sofriam violência principalmente do seus companheiros, contudo a partir dos 60 anos o agente agressor mudava para filhos, familiares e também seus cuidadores. O cenário piorava com a pandemia, segundo um estudo realizado no Paquistão revela

que houve uma ocorrência de 35% de algum tipo de violência contra as mulheres no período do lockdown (Haq et al., 2020). Outro aspecto importante que se deve considerar é a ocorrência do Transtorno do Estresse Pós-Traumático (TEPT) nessas mulheres vítimas de violência que romperam com esse ciclo de violência. Em um estudo realizado na Colômbia identificou nessa vítimas a ocorrência de estresse emocional, ansiedade generalizada, desejo de se isolar e o medo constante de reviver as situações de abuso (Amar & Otálvaro, 2012).

De acordo com Ferreira e Matos (2013) esse medo se torna ainda mais presente na vida dessas mulheres quando após o término da relação o ex-parceiro apresenta comportamentos de stalking ou perseguição que vão desde o assédio, ameaça, invasão de privacidade, cortejamento e aproximação forçada, até a prática da violência contra ela, seus familiares e amigos. Esse estudo também verificou que em um grupo de 104 mulheres, 92% relataram que essa conduta do ex-parceiro afetou negativamente suas vidas, o que dificultava a saída de casa, conseguir empregos e ter mais liberdade de viver a sua vida.

Corroborando com os outros artigos, Moura et al., (2012) trazem uma série de narrativas de mulheres vítima de violência que expõe o medo e sensação de perigo iminente diante do ciclo abusivo de violências:

Eu vivi a minha vida de casada toda cheia de medo. Só no olhar, ele me controlava e eu obedecia. (...) Ele me dava tanto medo que eu não dormia a noite. (...) Hoje estamos separados, mas tenho ainda muito medo dele. Não posso namorar, pois tenho medo pela minha vida. Ele tem várias namoradas e eu não posso ter nenhum. Eu larguei dele, mas até hoje ele me ameaça. Ele anda armado. Ele é muito perigoso (p.8).

Os dados desta pesquisa corroboram com a teoria de Jeffrey Young sobre a Terapia dos Esquemas, uma vez que foi possível verificar que o ciclo de violência tanto para homens, como para mulheres, teve seu início na infância e nas necessidades não atendidas por terem presentes em suas vidas modelos parentais severos, abusivos e/ou negligentes (Young et al., 2008; Brasco & Antoni, 2020). Para, além disso, foi identificado nas mulheres, com base nos estudos analisados, as EID's de subjugação, auto sacrifício, privação emocional, negatividade, isolamento social/ alienação e abandono.

4. Considerações Finais

Esta pesquisa se propôs, como objetivo geral, realizar uma revisão sistemática acerca da permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, a partir da Terapia dos Esquemas de Jeffrey Young. Através da análise dos artigos coletados se obteve uma revisão sistemática da literatura composta por 22 artigos, dos quais temos bem presente a temática da violência doméstica e da violência cibernética, bem como o agravamento dessas situações em decorrência do contexto pandêmico da covid-19. Ademais, foi possível observar a existência de EID's de subjugação, auto sacrifício, privação emocional, negatividade, isolamento social/ alienação e abandono, em mulheres que permanecem nesses relacionamentos. Para, além disso, esse estudo também buscou informar para reduzir as ocorrências de violência contra as mulheres que se encontram em relacionamentos abusivos, auxiliando na identificação e ocorrências dos Esquemas Iniciais Desadaptativos (EID's) encontrados em mulheres vítimas desse ciclo de violência.

Sendo o tema de grande relevância social e da necessidade de debates sobre a temática da violência de gênero, se constitui importante estudos como essa pesquisa. Pois, contribuem para o esclarecimento da população sobre os transtornos que a violência, a desinformação e a discriminação geram, fornecendo embasamento para a criação ou mudança de políticas públicas e produzindo mudanças nas vidas dos indivíduos que passam por essas situações diariamente.

É importante o desenvolvimento de trabalhos futuros que analisem de forma mais aprofundada as questões de violência contra a mulher e sua permanência em contextos de abuso, que abordem e façam uma psicoeducação sobre os impactos dessa permanência na vida dessas mulheres, amigos e familiares para reduzir a ocorrência dessas violências.

Referências

- Amar, J. J. A. & Otálvaro, L. E. O. (2012). Post traumatic stress disorder and adaptive capacity in victims of intimate partner violence. *Psicología desde el Caribe*, 29(2), 257-275. http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-417X2012000200002&lng=en&tlng=en
- Azevedo, A. J. da S., Bolzan B. S., Costa D., Silveira E. O., Guimarães, F. L., Fernandes, F. C. & Ribeiro, H. M. (Org.) (2020). (Procuradoria Especial da Mulher do Observatório da Mulher contra a Violência). Histórias de amor tóxico: a violência contra as mulheres. Brasília: Senado Federal.
- Barbosa, J. P. M., Lima, R. C. D., Santos, G. B. M., Lanna, S. D. & Andrade, M. A. C. (2021). Interseccionalidade e violência contra as mulheres em tempos de pandemia de covid-19: diálogos e possibilidades. *Saúde e Sociedade*. 30(2). ISSN 1984-0470. DOI <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200367>.
- Bernardino I. M., Barbosa K. G. N., Nóbrega L.M., Cavalcante G.M.S., Ferreira E.F & D'Ávila, S. (2016). Violência contra mulheres em diferentes estágios do ciclo de vida no Brasil: um estudo exploratório. *Rev Bras Epidemiol*, 19(4):740-52. https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415790X2016000400740&lng=pt&tlng=pt
- Bhona, F. M. C., Gebera, C. F. P., Noto, A. R., Vieira, M. T. & Lourenço, L. M. (2014). Inter-relações da violência no sistema familiar: estudo domiciliar em um bairro de baixa renda. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 27(3), 591-598. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201427321>.
- Brasco, P. J. & Antoni, C. (2020). Violências Intrafamiliares Experienciadas na Infância em Homens Autores de Violência Conjugal. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003218119>.
- Butler, J. (1990/2012) Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. (4a ed.). Civilização Brasileira. (Obra original publicada em 1990).
- Castro, A. A. (2001). Revisão sistemática e meta-análise. <http://www.usinadepesquisa.com/metodologia/wp-content/uploads/2010/08/meta1.pdf>.
- Ferreira, C., & Matos, M. (2013). Violência doméstica e stalking pós-rutina: Dinâmicas, coping e impacto psicossocial na vítima. *PSICOLOGIA*, 27(2), 81–106. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i2.63>.
- Flach, R. M. D. & Deslandes, S. F. (2019). Abuso digital ou prova de amor? O uso de aplicativos de controle/monitoramento nos relacionamentos afetivo-sexuais. *Cadernos de Saúde Pública*, 35(1), e00060118. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00060118>.
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública & Datafolha, Instituto. (2019) Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil. São Paulo, 2a ed. http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/2020_Boletim/Bol06_01.pdf
- Gama A, Pedro A, R, de Carvalho M, J, L, Guerreiro A, E, Duarte V, Quintas J, Matias A, Keygnaert I & Dias S. (2021): Domestic Violence during the COVID-19 Pandemic in Portugal. *Port J Public Health*, v. 38 (suppl 1):32-40. <https://doi.org/10.1159/000514341>.
- Gil, A. C., et al. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Atlas.
- Gomes, Romeu. (2002). *A análise de dados em pesquisa qualitativa*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social (Org.). Teoria, Método e Criatividade, Petrópolis: Vozes.
- Gresham, A. M., Peters, B. J., Karantzas, G., Cameron, L. D., & Simpson, J. A. (2021). Examining associations between COVID-19 stressors, intimate partner violence, health, and health behaviors. *Journal of Social and Personal Relationships*, 38(8), 2291–2307. <https://doi.org/10.1177/02654075211012098>.
- Haack, K. R., Pressi, J. & Falcke D. (2018). Predictors of Marital Physical Violence: Personal and Relational Characteristics. *Psico-USF*, 23(2), 241-252. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230205>.
- Haq W., Raza S.H. & Mahmood T. (2020). The pandemic paradox: domestic violence and happiness of women. *PeerJ*. <https://doi.org/10.7717/peerj.10472>
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2007) Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, v. 37(132), p. 595-609, dez. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742007000300005>.
- Jesus, J. G. (2012) *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2º ed. Brasília.
- Juarros-Basterretxea, J., Overall, N., Herrero, J., & Rodríguez-Díaz, F. J. (2019). Considering the effect of sexism on psychological intimate partner violence: A study with imprisoned men. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 11, 61-69. <https://doi.org/10.5093/ejpalc2019a1>
- Leite, F.M.C., Luis, M. A., Amorim, M.H.C., Maciel, E. L. N. & Gigante, D.P. (2019). Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 22. <https://doi.org/10.1590/1980-549720190056>.
- Ligman, K., Rodríguez, L. M., & Rocek, G. (2021). Jealousy and Electronic Intrusion Mediated by Relationship Uncertainty in Married and Cohabiting Couples During COVID-19. *Cyberpsychology, behavior and social networking*, 24(7), 444–449. <https://doi.org/10.1089/cyber.2020.0669>
- Marasca, A. R., Razera, J., Pereira, H. J. R. & Falcke, D. (2017). Marital physical violence suffered and committed by men: repeating family patterns?. *Psico-USF*, 22(1), 9-108. <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220109>.
- Maftei, A., & Dănilă, O. (2021). Give me your password! What are you hiding? Associated factors of intimate partner violence through technological abuse. *Current psychology* (New Brunswick, N.J.), 1–17. Advance online publication. DOI <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02197-2>.
- Minayo, Maria Cecília de Souza. (2004). O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. (8a ed.), *Hucitec*.
- Moffitt, P., Aujla, W., Giesbrecht, C. J., Grant, I., & Straatman, A. L. (2020). Intimate Partner Violence and COVID-19 in Rural, Remote, and Northern Canada: Relationship, Vulnerability and Risk. *Journal of family violence*, 37(5), 1–12. <https://doi.org/10.1007/s10896-020-00212-x>.

Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS medicine*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>.

Moura, L. B. A., Lefevre, F. & Moura, V. (2012). Narrativas de violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4), 1025-1035. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232012000400024>.

Nações Unidas (1993). General Assembly Resolution n° 48/104 of 20 December 1993. Declaration on the elimination of violence against women. Geneva: *Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights*.

Naghizadeh, S., Mirghafourvand, M. & Mohammadirad, R. Domestic violence and its relationship with quality of life in pregnant women during the outbreak of COVID-19 disease. *BMC Pregnancy Childbirth* 21, 88. <https://doi.org/10.1186/s12884-021-03579-x>.

Saffioti, H. I. B. (1987) *O poder do macho*. Moderna.

Santos, D. F., Lima, R. C. D., Demarchi, S. M., Barbosa, J. P. M., Cordeiro, M. V. D., Sipioni, M. E. & Andrade, M. A. C. (2021). Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. *Saúde e Sociedade*, 30(3). <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200535>.

Sonego, M., Gandarillas, A., Zorrilla, B., Lasheras, L., Pires, M., Ana, A. & Ordobás, M. (2013). Unperceived intimate partner violence and women's health. *Gaceta Sanitaria*, 27(5), 440-446, <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2012.11.009>.

Vieira, E. M., Perdoná, G. da S. C. & Santos, M. A. dos. (2011) Fatores associados à violência física por parceiro íntimo em usuárias de serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*. 45(4), 730-737. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102011005000034>.

Wainer, R., Paim, K., Erdos, R. & Andriola, R. (Org.). (2016) *Terapia cognitiva focada em esquemas: integração em psicoterapia*. Artmed.

World Health Organization. (2021). Global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women. *World Health Organization*.

Young J. E., Klosko J. S. & Weishaar M. E. (2008) *Terapia do Esquema: guia de técnicas cognitivo-comportamentais inovadoras*. Tradução Roberto Cataldo Costa. Artmed.

Zoltowski, A. P., Costa, A. B., Teixeira, M. A., & Koller, S. H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 30(1), 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>